

Revista Mídia e Cotidiano
Seção Temática
Número 9. Agosto 2016
Aprovado em: 06/07/2016

ARTIFÍCIOS DE UMA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: A Cobertura dos Protestos pela Carta Capital e Época

ARTIFICES OF A HISTORICAL CONSCIOUSNESS: The Coverage of Protests by Carta Capital and Época

Pedro Henrique REIS¹

Resumo: No presente artigo buscaremos construir análises de duas coberturas jornalísticas fotográficas presentes nos sites das revistas Carta Capital e Época sobre os protestos do dia 20 de junho de 2013 e 16 de agosto de 2015, respectivamente, que transcorreram nas principais e maiores cidades brasileiras. O intuito do esforço apresentado aqui é interpretar as imagens apresentadas como relatos das manifestações em seus desdobramentos mais importantes ou relevantes e assim articular o conceito de artifício.

Palavras-chave: Artifício; Protestos; Consciência Histórica; Fotografia.

Abstract: In this article we will endeavour to construct two analysis of two journalistic photographic coverages, presented by the websites of two magazines, Carta Capital and Época, about the protests that took place at the largest and main Brazilian cities during June 20th 2013 and August 16th 2015. The main objective presented here is to interpret the images made available by said websites as reports of the most important or relevant events that took place during the protests and thus search for ways to articulate the concept of artifice.

Keywords: Artifice; Protests; Historical Consciousness; Photography.

¹ Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - FAMECOS - pedro.reis.hb@gmail.com.

Introdução

Ao iniciarmos investigação com a baliza da categoria do artifício temos de confrontar sua duplicidade: construção e subterfúgio. Enquanto se refere ao artificial, como aquilo feito em oposição à natureza, indica também falsidade, truque, enganação. Aponta para a arte, presente no seu prefixo, mas também é índice de uma duplicidade. Uma entre um aparato, disposição e dispositivação dos meios naturais para que produzam algo humano, e uma ilusão, um jogo de mão, uma manualidade mágica ou ilusionista, no sentido tácito de prestidigitação.

Aqui buscaremos coadunar essa espécie de duplicidade de duplicidades no esforço de compreender as manifestações populares que transcorreram no Brasil desde, pelo menos, junho de 2013, no sentido de apontar para como essa categoria transparece e se faz usar no modo com que a discursividade desses protestos, caminhadas, inquietações e agitações acaba intermediada por veículos de comunicação.

O foco são dois momentos: os protestos no dia 20 de junho de 2013 e os protestos organizados no dia 16 de agosto de 2015 com a finalidade de criticar os escândalos de corrupção no governo Dilma Rouseff. O objeto em questão são os recortes, com aportes especificamente fotográficos, de dois veículos que mantêm presença ativa na internet: a revista Carta Capital e a Revista Época.

Uma das guisas analíticas à qual nos ligamos nesse esforço é encarar as coberturas jornalísticas numa concepção narrativista, que, portanto, encara “as narrativas” como “totalidades altamente organizadas, que exigem um ato específico de compreensão, da natureza do juízo” (Ricoeur, 2010, p.257). Ou seja, aportamos nossa análise numa percepção de historicidade enquanto construída pelos meios de comunicação de massa e sua cobertura dos fatos que transcorreram e que tem como atores e agentes indivíduos e organizações mas que, de uma forma ou outra, narrativizam a História. Para abarcar tal estratégia precisamos coligar cada um dos eventos a seus contextos históricos e entre si ao mesmo tempo em que articulamos um conceito de consciência histórica. O que pretendemos é um tipo de juízo reflexivo de segunda ordem; um juízo sobre os juízos já operados na cobertura jornalística.

Entendemos que as noções de mimesis podem nos ser extremamente úteis para coadunar esses três vértices. Sendo a compreensão “nunca [...] uma intuição direta e sim uma reconstrução” (p.161), preferimos seu sentido amplo, derivado por este autor de outro, Louis Mink (1968), de “ato de apreender conjuntamente em um único ato mental coisas”, ou acontecimentos, ou fatos, ou características, etc., “que não são experimentadas juntas ou nem podem sê-lo, porque estão separadas no tempo, no espaço ou de um ponto de vista lógico” (p.263).

É, logicamente, impossível tentar nesse formato reconstruir todo o arco das experiências mediadas pelos veículos selecionados aqui. Entretanto, precisamos de uma hermenêutica que possa comportar a interpretação e compreensão (1) de que “por maior que seja a força da inovação [...] a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo da ação: de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal” (Ricoeur, 2010, p.96). Essa pré-compreensão é a manifestação de um saber dado pelo estar-no-mundo de cada sujeito e que se revela e amplia no projeto de vida e cotidiano de cada um deles. A Mimesis I, portanto, refere-se não apenas ao processo mimético (de imitar ou continuar o que já é/já está/já foi feito) mas igualmente ao processo reflexivo inescapável de cada sujeito em interpretar a passagem do tempo, as transformações inexoráveis que afetam a ele mesmo e seu entorno (Rüsen, 2010). Os conceitos de mimesis e (2) consciência histórica se intrinacam: como aponta Cerri, aqui está sempre pressuposto “o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só pode ser coletiva” (2001, p.101).

Porém, entre a ação dos agentes, que é o objeto dentro dos objetos que pretendemos analisar aqui, e essa pressuposição se encontra uma posição de intermediação, que Ricoeur designará de Mimesis II. Aqui “A palavra ficção fica então disponível para designar a configuração da narrativa cujo paradigma é a construção da intriga” (2010, p.112). Esse segundo tipo de mimese faz a mediação entre os acontecimentos específicos (aqui poderíamos apontar para os protestos, a manifestação coletiva nas ruas agenciadas por indivíduos e perpetradas por coletividades múltiplas e plurais) e o que o autor chama de “uma história tomada como um todo” (aqui, na esteira

de pensar a consciência histórica como percepção e reflexão acerca das transformações que os sujeitos vivenciam, poderíamos fazer a baliza geral de ‘história do Brasil’ ou ‘história recente do Brasil’). Como aponta Nick Couldry em texto muito recente publicado no Brasil (2015, p.64): "Para Ricœur, a narrativa é, desde o início, ligada à possibilidade de interação humana e à dimensão pública" - em outras palavras, o que o autor baliza nessas duas formas miméticas: a I, que imita o mundo, e essa II ou segunda, que intermedeia nossa ação através de uma condensação de nossas próprias histórias. Couldry, Ibid., vai além e interpela o trabalho seminal de Charles Taylor, *Sources of the Self*, de 1989: “determinamos o que somos pelo que nos tornamos, pela história de como chegamos lá” (Taylor, 1989, p.48). Em outras palavras, naquela asserção da história como um todo, que apenas a reflexão sobre si mesmo, e, admitamos, como quer inferir Ricœur, com uma pitada de ficcionalização, de construção de intrigas não necessariamente reais no sentido de “fato social total”, pegando emprestada a expressão de Marcel Mauss. Essa Mímesis II é intermediária porque é, em si mesma, a afirmação de que a narratividade da vida (seja pelo próprio sujeito/agente, seja pelas mídias, instituições, organizações, governos, etc.) não é dada, mas depende exatamente dos “atos de configuração” que a permitem ser.

Retornamos à problemática da consciência histórica. Três autores devem ser mencionados como balizas para a discussão desse termo, conceito ou categoria analítica: Agnes Heller, Hans-Georg Gadamer e Jörn Rüsen. “Atos de configuração”, não podemos deixar de notar, parecem ecoar o conceito de Heller (1970) de “regimes de historicidade”, ao mesmo tempo em que a narrativa (seja de si, do outro ou do mundo) quando pensada na chave “como um todo” fazem referência à atribuição de Rüsen a uma condição humana (em contrapartida a arguição de Gadamer, que parece acreditar que a consciência histórica, ainda que descrita quase que nos mesmos termos de Rüsen, se trata de um fenômeno essencialmente moderno) de perene reflexividade em relação a si mesmo, ao “estar-com-outros”, nos termos de Ricœur, e ao “estar-no-mundo”, para interpelar aqui as conjecturas sobre temporalidade e espacialidade colocadas por Martin Heidegger em “Ser e Tempo”. A Mímesis II de Ricœur opera extraíndo “uma configuração de uma sucessão” (Ricœur, 2010).

A Mímesis III é o retorno final “em seu sentido pleno” da narrativa enquanto “restituída ao tempo do agir e do padecer” (Ricœur, 2010, p.123). Ela é o final do percurso de repetição e reorganização (ou reconfiguração): ela aqui, talvez, nos interessa mais do que as outras no sentido de balizar os meios de comunicação como arautos de uma rerepresentação de narrativas vividas exatamente naqueles dois primeiros componentes (as Mímesis I e II) e tomam o lugar de entre-ouvinte ou entre-espectador: operam como veículos de agregação e re-apresentação de narrativas vividas enquanto experiências de reflexão, ação e arregimentação histórica pelos sujeitos que retratam como agentes ou sujeitos de determinadas notícias (essas definidas enquanto acontecimentos relevantes e do interesse - sempre, claro, imaginado - geral da população local, regional ou global).

Se não há experiência humana que não seja mediatizada por sistemas simbólicos e, entre eles, por narrativas, parece inútil dizer, como fizemos, que a ação está em busca da narrativa. Como, com efeito, poderíamos falar que uma vida humana é uma história em estado nascente se não temos acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas a seu respeito por outros ou por nós mesmos (Ricœur, 2010, P.127)?

Aqui podemos desenhar com mais acuidade a articulação que pretendemos e trazer à baila a problemática do artifício. Precisávamos anteriormente articular (1) a compreensão enquanto conceito analítico e hermenêutico e (2) a consciência histórica como partícipe do círculo mimético proposto por Ricœur. Nos cabe agora encarar frontalmente (3) o artifício. Esse termo contém uma duplicidade: ele aponta para o fazer humano e, nesse apontar, nessa indicação, também refere-se à ilusão. O artificial é, num mesmo movimento, aquilo que o homem faz para separar-se da natureza, do selvagem enquanto indomado ou não-ainda-formado enquanto mundo humano e também uma ilusão. É uma (1) compreensão de que a natureza pode ser rearranjada para servir e imitar o homem e ao mesmo tempo (2) uma repetição daquilo nessa natureza enquanto pura, intocada ou indomada, no que ela já serve ao homem. O artifício é a efetividade da ação do homem e sua separação da natureza, mas é também, como dito, uma ilusão; uma ilusão de controle, uma ilusão de destino, uma ilusão de previsibilidade.

Não se sabe, a priori, que forma artificial as paixões tomarão. A sociedade não é um dado natural, uma expressão da essência do homem. Nem mesmo o seu destino está inscrito, previamente, nos movimentos dos artifícios humanos, tal como uma lei da história. Não se sabe, previamente, se será esta ou aquela forma que tomará a sociedade, se esta se organizará em um Estado ou não. O Estado não é uma forma necessária em si mesma, é apenas mais uma ficção, mais um artifício, e como tal merece suspeita e investigação. A forma não é dada anteriormente, mas sim a força, as paixões, pois como já se sabe são elas anteriores às ideias. O Estado é uma ideia, cuja impressão correspondente, isto é, seu meio de experiência, merece ser investigada (Müller, 2012, p.66).

Na passagem acima de Guilherme Müller, que faz alusão a teoria do conhecimento de David Hume, “o Estado” é o figurante, o exemplo intercambiante - que aqui nos parece apropriado vis-à-vis os objetos a que nos propomos analisar - que simultaneamente demonstra o artifício e elimina a falsa dicotomia entre ideias e materialidade que ainda sobrevive nos recantos das duplicidades desse conceito (Taylor, 2004, p.31). Sendo ele compreendido aqui como (1) compreensão e (2) repetição (naquele círculo mimético de Ricœur), o (3) artifício pode ser encarado como sendo um projeto de futuro e uma melancolia constante pelo passado - aí uma nova duplicidade! Ele está eternamente, ao colocar a planta-baixa ou os primeiros tijolos, restituindo o passado, presentificando-o, mas é um “passado presente”, como os três tipos de presentes agostinianos aos quais Ricœur faz alusão na introdução do primeiro volume de “Tempo e Narrativa” (p.36), incompleto, quebrado e quebradiço e que ele precisa (re)apresentar no modo de uma constante reconstrução - concomitante à construção dos futuros possíveis que ele desenha. O artifício artificializa o passado na forma de uma nostalgia melancólica que se aproxima constantemente de uma “nostalgia do presente” (Jameson, 1991, 279).

O artifício é portanto princípio não apenas de artificialização do mundo exterior, mas opera exatamente nesse eixo da (2) repetição ao, como as antigas fitas cassete ou VHS, reproduzir sempre uma cópia desgastada. Até mesmo individualmente! “Ao organizar o arquivo de si próprio o sujeito confisca o seu próprio estoque de experiência como propriedade e com isso volta a torná-lo algo inteiramente alheio ao sujeito” (Adorno, 2008, p.162). A História, não apenas as histórias ou narrativas de si (Cavarero, 2001), é um construto: um processo seletivo que jamais toma os fatos como um todo.

Afinal, “nada do que passou está salvo da maldição do presente empírico mediante a passagem à mera ideia” (Adorno, 2008, P.163).

É aí que o artifício se (re)configura como uma nostalgia, como uma melancolia, como “uma infelicidade que não sabe seu nome” (Jameson, 1991, p.280); quando ele precisamente se articula com o que Gadamer define como uma “plena consciência da historicidade de todo o presente e da relatividade de toda a opinião” (2003, p.17). A problemática que surge, portanto, é exatamente a que procuraremos nas subseqüente análises descritivas fazer visível: “a possibilidade de que num limite extremo”, ou para usar o termo de Karl Jaspers (1967); numa “situação-limite”, “o sentido que as pessoas tem de si mesmas e de seu momento histórico talvez em última análise não tenha nada a ver com sua realidade” (Jameson, 1991, 281). O artifício está exatamente na tentativa de configuração ou reconfiguração, nomeadamente nomológica ou adscritiva, de determinadas épocas enquanto compreensão delas e enquanto manifestação dessa compreensão através do que escolhemos denominar consciência histórica. A possibilidade, com vistas ao artifício humano, é radical, e coloca que

[...] conceitos de períodos [históricos] não correspondem a nenhuma realidade, e sejam eles formulados em termos de lógicas geracionais, ou pelos nomes dos monarcas [ou para os exemplos aqui em mãos, por tipos de governos], ou de acordo com alguma outra categoria ou sistema tipológico ou classificatório, a realidade coletiva de inúmeras vidas englobadas por tais termos é não-pensável (ou não-totalizável, para usar uma expressão corrente) e nunca podem ser descritos, caracterizados, rotulados ou conceptualizados (Jameson, 1991, p.282).

Tendo exposto a problemática à qual buscamos nos ligar, reconstruir e articular, passamos para as análises de dois momentos específicos. Duas coberturas jornalísticas, de caráter fotográfico, de veículos diferentes, com presença marcante na Internet ao mesmo tempo em que se identificam ainda como mídias massivas (tendo presença de publicação física). O critério de seleção foi a presença de galerias de imagens, compostas por contribuições profissionais (repórteres fotográficos freelancers ou contratados pelos veículos) e amadoras (enviados por leitores desses veículos e/ou sujeitos-agentes presentes no momento das manifestações). Não é nosso objetivo aqui fazer qualquer tipo de afirmação ou crítica propriamente estética dessas imagens, nem mesmo qualquer julgamento propriamente político sobre a parcialidade ou

imparcialidade dessas coberturas. Nosso objetivo é captar através da reconstrução de uma narrativa temporal por esses veículos das manifestações em seus aspectos gerais e seus sujeitos-agentes. Sempre sob a guisa de que “as relações, os artifícios, as invenções, não são objetos nem produtos do conhecimento, mas de práticas complexas que envolvem princípios lógicos e passionais” (Müller, 2012, p.100).

Parte I: 20 de junho de 2013

O chamado às ruas do dia 20 de junho de 2013 foi o ápice de inquietações que se arrastaram desde os últimos dias de maio. O tema central das manifestações era uma intangível insatisfação com o estado das coisas, acelerada pelo que ficou conhecido como o movimento “Não é só 20 centavos”, que fazia referência aos aumentos das tarifas de transporte público e que começaram na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Não podiam ser percebidas (como muitos trabalhos, como os de Tasso Gasparini de Souza, Fábio Gouveia, Lia Scarton Carreira, 2014, e Raquel Recuero, 2014, demonstram de maneira bastante gráfica) necessariamente polarizações. A insatisfação em relação ao governo atual, por exemplo, no nível federal, de Dilma Roussef, do Partido dos Trabalhadores (PT), ao final de seu primeiro mandato, ou, como foi o caso de Porto Alegre, no nível municipal, da administração do prefeito José Fortunati, do Partido Democrático dos Trabalhadores (PDT), ao meio de seu segundo mandato, não estava abertamente caracterizado como uma recusa a esse governo ou apoio a um pólo dissidente ou opositor específico e o apoio às ações, geralmente contextualizadas dentro de uma espécie de “era do PT”, que englobava conjuntamente ao mandato de Roussef e também os dois mandatos anteriores de Luiz Inácio Lula da Silva, ou na municipalidade de Porto Alegre, como “Era Fortunati/Melo”, que englobaria, então, a administração de José Fogaça, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), com o qual Fortunati estava coligado e de quem era vice-prefeito até que Fogaça abdicasse em favor de concorrer ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, não eram caracterizados por um apoio cego nem mesmo por um detração total desses governos.

Entretanto, e especialmente no sentido de visibilidade da mídia, os protestos e as manifestações esfriaram rapidamente conforme os governos federal, estaduais e municipais aos quais se dirigiam os gritos de “não é só 20 centavos”, faziam acordos de congelamento dos preços das passagens de transportes públicos e empresas prestadoras de serviços a esses órgãos administrativos prometiam renovações de frotas de ônibus, aumento de rotas e horários, etc. Inclusive, ao final de 2013, em novembro, já eram visíveis problematizações acadêmicas, como a de André Singer, compondo o Dossiê: Mobilizações², protestos e revoluções da edição 97 da publicação Novos Estudos do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), intitulado “Classes e Ideologias Cruzadas”, nas quais a importância ou relevância dos protestos era claramente diminuída ou, trazendo essas problematizações para a vizinhança das problemáticas que trazemos à baila, historicizada como “expressão” ao mesmo tempo de uma “classe média tradicional inconformada com diferentes aspectos da realidade nacional” e, ao mesmo tempo, também “um reflexo daquilo que denomina ‘novo proletariado’” (a nova força trabalhista brasileira, caracterizada por jovens ou jovens-adultos que “padecem de baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho” além, é claro, de compartilharem com a velha classe média as mesmas reivindicações sobre serviços e deveres do Estado) (Singer, 2013, p. 23).

Desenvolveremos essas análises da seguinte maneira: primeiramente apresentaremos as 4 imagens selecionadas, destacando aspectos relevantes de cada uma e, num segundo momento, analisando elas.

Na imagem 1³, vemos policiais dispersando manifestantes em Brasília, DF, com o uso de spray de pimenta. De um lado temos o policial militar, devidamente fardado com equipamentos designados como ‘polícia de choque’. Do outro, manifestantes cobrindo seus rostos com camisetas e panos (uma das características que é importante

² Disponível online em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/issues/view/159> (acesso em agosto/2015).

³ Também disponível em: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/brasilia-1.jpg-4730.html/@_images/7b2e88f6-86dd-41ca-afad-fc7986ae9f2f.jpeg (acesso em agosto/2015).

ressaltar é que essas manifestações também ficaram conhecidas como “Revolta do Vinagre”⁴, pelo uso de vinagre por parte dos manifestantes para deter ou sanar os efeitos dos sprays de pimenta e gás lacrimogêneo). A dicotomia da construção da imagem é especialmente interessante por (re)apresentar a dicotomia do discurso das matérias em diversos veículos de comunicação: manifestantes *versus* polícia, povo revoltado *versus* violência de um Estado policial. Percebemos que essa construção é, em si mesma, um artifício: uma espécie de prestidigitação que despersonaliza o policial, enquanto índice do Estado, e que demarca especialmente os manifestantes usando roupas brancas e, bem na frente do policial, completamente de preto, usando a bandeira nacional brasileira como uma capa, um manifestante porta um cartaz branco com o dizer PAZ em letras garrafais. À margem da ação do policial e da aparente reação dos manifestantes, um grupo de pessoas está abraçada ou enrolada também em bandeiras do Brasil.

⁴ Muitos sites e matérias se referem, especialmente internacionalmente, às manifestações no mês de julho como “Revolta da Vinagre”, como o site Global Voices (<http://pt.globalvoicesonline.org/2013/06/15/brasil-revolta-do-vinagre-marca-o-pais/>) ou o do Jornal Estado de São Paulo (<http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,com-aumento-da-busca-no-google-revolta-do-vinagre-vira-termo-no-wikipedia,156600e>), onde inclusive é ressaltado que o termo teria virado entrada na enciclopédia livre Wikipédia (https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Revolta_do_vinagre&redirect=no), onde atualmente o termo redireciona o usuário para o artigo intitulado “Protestos no Brasil em 2013”.



Imagem 1

Fonte: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/brasil-1.jpg-4730.html/@_@images/7b2e88f6-86dd-41ca-afad-fc7986ae9f2f.jpeg.

A imagem 2⁵ mostra as manifestações em Belém, capital do Estado do Pará. “Cerca de 15 mil pessoas”, menciona a legenda da foto, teriam ido às ruas na cidade. Como a imagem apresenta: predominantemente vestidas de branco, com cartazes também predominantemente brancos que dizem coisas “A corrupção é a maldição dessa nação” e portando bandeiras do Brasil e bandeiras brancas. Tirada por trás, e provavelmente de algum tipo de elevação, a foto denota, diferentemente da anterior, uma manifestação pacífica, sem polarizações e, especialmente, sem a presença de policiais ou qualquer força repressora do Estado.

⁵ Também disponível em: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/belem.jpg-3249.html/@_@images/ef701b86-c5e4-4d92-a0f7-738fd19ca8d2.jpeg (acesso em agosto/2015).



Imagem 2

Fonte: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/belem.jpg-3249.html/@_@images/ef701b86-c5e4-4d92-a0f7-738fd19ca8d2.jpeg.

A imagem 3⁶ se trata de um *still* da cobertura do canal de TV a cabo da Globo, G1. A imagem mostra o repórter Pedro Vedova ferido no rosto (na parte superior da testa) por um tiro de borracha que teria recebido da Polícia Militar durante as manifestações na cidade do Rio de Janeiro. Além da violência gráfica da imagem (o ferimento está aberto e o rosto de Vedova está coberto de sangue), é importante ressaltar que o repórter está também vestido com uma camiseta branca e ele está, em volta do pescoço, com uma máscara de gás. A imagem também interpela ocorrências de violência e repressão de repórteres, independentes e ligados a grandes veículos de comunicação no Brasil, ocorridos uma semana antes, no dia 13 de junho, em São Paulo. Logo após jornais como A Folha de São Paulo interpelarem e justificarem os poderes públicos em sua repressão violenta aos manifestantes munidos de “ideologias pseudorevolucionárias”, um “grupelho” focado numa bandeira irrealista⁷. No mesmo

⁶ Também disponível em: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/pedro-vedova/@_@images/1adbe717-61d1-40f9-a3e5-ab169a8ec099.jpeg (acesso em agosto/2015).

⁷ Do editorial “Retomar a Paulista”, publicado na manhã no dia 13 de junho de 2013, na Folha de São Paulo e disponível para assinantes do veículo no endereço: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAAahUKE>



Imagem 3

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/pedro-vedova/@@images/1adbe717-61d1-40f9-a3e5-ab169a8ec099.jpeg>.

dia, outro grande veículo jornalístico da capital paulista chamava os participantes e aqueles que atenderam ao chamado do Movimento Passe Livre (MPL) de “baderneiros e vândalos” e justificava a repressão policial.

Entretanto

Entre as centenas de feridos pela Polícia Militar paulista no dia 13 estão repórteres dos veículos cujos editoriais haviam convocado a repressão policial. Fotógrafos da Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e agências de notícias são atingidos por balas de borracha, e um jornalista da revista Carta Capital está entre os detidos nas diversas prisões arbitrárias por posse de vinagre (REYS, 2011 apud BORBA, FELIZI e REYS, 2014, p.34-35).

wjHjLOhn8rHAhXJEJAKHZYIDvM&url=http%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Fopiniao%2F2013%2F06%2F1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml&ei=HYbfVYeKE8mhwASWy7iYDw&usg=AFQjCNHwO2HTxkyISPc4rBIZHzB6_yN51w&sig2=FYmMTjQ1zp_yc4Uk6JrILQ (acesso em agosto/2015) e compartilhado no blog “Perca Tempo”, no mesmo dia, e disponível no endereço: <http://avaranda.blogspot.com.br/2013/06/retomar-paulista-editorial-folha-de-sp.html> (acesso em agosto/2015).



Imagem 4

Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/belem-1.jpg-7721.html/@images/d64d6905-17f5-42a5-9662-e6cf3e093e92.jpeg>.

Na imagem 4⁸ vemos Belém, no Pará. A imagem mostra os manifestantes, desta vez nem polarizados em relação ao Estado, nem em destaque: eles dominam a fachada da prefeitura da cidade, colando nas paredes bonecos e cartazes e dois manifestantes pendurados nas janelas gradeadas do prédio, ambos trajados em preto e usando a famigerada máscara de Guy Fawkes. Ao lado deles, em outra janela, uma bandeira branca diz “Não é Turquia, não é Grécia, é o Brasil saindo da inércia #vemprarua” (fazendo referência a hashtag utilizada na rede social de microblogs Twitter para organizar e conscientizar a população sobre o decorrer dos eventos). Conjuntamente, outros cartazes dizem “#semviolência” e “Juntos!”.

⁸ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-manifestacoes-pelo-brasil-em-20-de-junho-4066.html/belem-1.jpg-7721.html/@images/d64d6905-17f5-42a5-9662-e6cf3e093e92.jpeg> (acesso em agosto/2015)

Parte II: 16 de agosto de 2015

De forma semelhante aos protestos de junho de 2015, as manifestações que ocorreram em diversas das maiores cidades do Brasil em 16 de agosto de 2015 também foram o ápice de inquietações que vinham se desenvolvendo ao longo de meses, começando, essencialmente, no dia 15 de março do mesmo ano. O gatilho desses protestos, que aconteceram também no dia 12 de abril, foram, também, a continuação dos escândalos políticos e de corrupção - especialmente envolvendo financiamento de campanhas através de desvios de recurso da Petróleo Brasileiro S.A. ou Petrobrás, principal companhia estatal extratora e de refino de petróleo no país.

A cobertura da revista *Época* na Internet também aconteceu em tempo real, atualizando a matéria a cada novo acontecimento. Também, diferentemente daquelas manifestações em 2013, fica difícil estabelecer os resultados ou necessariamente consequências dos atos públicos, visto serem recentes. Estamos aqui buscando matizar os artifícios utilizados e que ocasionaram tais manifestações e que se tornam e se tornaram visíveis através das coberturas jornalísticas dessas manifestações. Talvez, devemos ressaltar, seria mais conciso analisar a cobertura de ambos os protestos pelo mesmo veículo, site ou grupo produtor/veiculador de notícias. Porém, pensamos, uma comparação entre dois veículos com posicionamentos diferentes pode trazer à tona nuances mais interessantes, em se tratando de recortes tão específicos quanto coberturas e divulgação de imagens.

Já na primeira imagem (imagem 5⁹) percebemos o aparecimento de nuances. A imagem mostra apenas algumas centenas de pessoas em marcha pela região central de Brasília, DF. Predominantemente o que vemos são pessoas vestidas de verde e amarelo, algumas distintamente, pode-se ver, usando a camiseta da seleção brasileira de futebol. Algumas delas portam uma imensa faixa escrita em verde, amarelo e preto com o dizer "IMPEACHMENT" em letras garrafais. Os outros cartazes mais visíveis dizem "FORA

⁹ Também disponível em: <http://s2.glbimg.com/1nKf-6i3DSTutsdeHIQLSASAIJQ=/560x350/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/08/16/arjdeawdoiuloxqrp7cv3htdigraljdfihvowk6gn1x3.jpg> (acesso em agosto/2015).



Imagem 5

Fonte: <http://s2.glbimg.com/1nKf-6i3DSTutsdeHIQLSASAIJQ=/560x350/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/08/16/arjdeawdoiuloxqrp7>

DILMA” e “Por que te calas?”. A imagem, ainda que simples, já denota uma falta de pluralidade nas manifestações: o que, em outras palavras, também é a revelação de uma certa coesão e organização mais procedural e mais em torno de objetivos ou critérios específicos.

A segunda imagem (imagem 6¹⁰) constrói uma relação com a primeira imagem selecionada no recorte da Revista Carta Capital: nela, o hoje senador Aloysio Nunes, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), político carreirista em atividade desde

¹⁰ Também disponível em: http://s2.glbimg.com/3HOPvQ95oAW6GtgC2pSw_iCjld8=/560x350/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/08/16/avxcscnbbn44pvirkhyblbxh5mjttof4pm7xen2ifs6c.jpg (acesso em agosto/2015).

1983, quando foi eleito deputado estadual pelo Estado de São Paulo, e que já ocupou cargos como Vice-Governador daquele Estado, Deputado Federal representante também do Estado de São Paulo e Ministro da Justiça na administração do então presidente Fernando Henrique Cardoso, também do PSDB, aparece ao lado de manifestantes pacificamente tirando uma *selfie*. Atrás dele uma mulher porta um cartaz, em verde, amarelo e preto, com os dizeres “FORA DILMA”. O contraste é a completa falta de



Imagem 6

Fonte:

http://s2.glbimg.com/3HOPvQ95oAW6GtgC2pSw_iCjld8=/560x350/e.glbimg.com/og/ed/f/original/20
aparelho repressor do Estado; inclusive, o contrário. Os protestos parecem serem compostos, legitimados e organizados por meio de membros do governo. A presença é do aparelho administrador do Estado.

Na imagem seguinte (imagem 7¹¹) vemos um boneco inflável, de 12 metros de altura, comprado pelo Movimento Brasil, de Maceió, no Estado de Alagoas, que satiriza o ex-presidente Luiz Inácio da Silva. O boneco, armado na Esplanada dos Ministérios, é uma caricatura do ex-presidente em trajes tipicamente associados à presidiários (listrado em banco e preto) e no peito a numeração 13-171 (13 fazendo referência à legenda de votação para o Partido dos Trabalhadores e 171 fazendo referência ao artigo 171 do Código Penal brasileiro: “Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento”). A foto apresenta o boneco cercado por algumas centenas de pessoas, a maioria usando também as cores verde e amarelo, e ao lado um balão preto com os dizeres “OPERAÇÃO LAVA-JATO”¹², fazendo alusão à investida da Polícia

¹¹ Também disponível em: <http://s2.glbimg.com/XfdHM9YAkTLhzhwi6XVJuSCqj-c=/560x350/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/08/16/avgk2wpd-n4ynfl-wrm07iabompvcqa7lcpv4lqpvr8c.jpg> (acesso em agosto/2015).

¹² Operação da Polícia Federal que teve início em março de 2014 para prender e investigar possíveis envolvidos, incluindo membros do legislativo e executivo, em lavagem de dinheiro (através de redes de lavanderias e lavagens de carro, por isso o apelido) desviado de órgãos e iniciativas do Governo Federal e de diversos Governos Estaduais. A operação é considerada pelo Ministério Público Federal como “a maior investigação sobre corrupção política na História do País” (<http://lavajato.mpf.mp.br/index.html>) e envolve membros de diversos partidos, empresários e entidades de fomento de indústria e comércio.



Imagem 7

Fonte: <http://s2.glbimg.com/XfdHM9YAkTLhzhwi6XVJuSCqj-c=/560x350/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/08/16/avgk2wpd-n4ynfl->

Federal e do Ministério Público Federal contra o desvio de verbas públicas e lavagem de dinheiro orquestrados por diversos membros do governo e da oposição, nos níveis Executivo e Legislativo, assim como empresários (especialmente construtoras) e entidades de fomento de indústria e comércio.

Na imagem final (imagem 8¹³) temos a contra-manifestação de manifestantes ligados à CUT (Central Única dos Trabalhadores) em frente ao Instituto Lula, na capital paulista. A imagem, bem diferente das anteriores, parece feita de dentro da manifestação. Ao invés de cartazes, vemos mãos levantadas e os manifestantes aparentemente entoando palavras de ordem, todos devidamente vestidos em vermelho. Contextualizada às outras imagens recortadas para esse segundo eixo analítico, essa imagem contrasta com as do primeiro eixo: denota uma polarização, se não entre aparelho opressor do Estado e manifestantes, pelo menos de polarização política: ela parece dizer “não, esses protestos não são apenas contra algo, mas também a favor de algo”. A manifestação teve presença do Presidente da CUT, Vagner Freitas, e, segundo

¹³ Também disponível em: http://s2.glbimg.com/DLpXo5GsWGtliSZBK4qQrs5mle4=/560x430/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/08/16/akiqxsokho0_wkodjxpri0nujliprqtgupmjgeen6zu.jpg (acesso em agosto/2015).

outros veículos “teve uma cobertura fraca”¹⁴, até mesmo pelos ditos principais meios de comunicação do Brasil. No diálogo entre veículos, ainda que não seja nosso objeto aqui, mas, pensamos, ser importante contextualização, é aparente que houve uma crítica generalizada em relação a parcialidade de diversos meios ao cobrir principalmente as manifestações abertamente anti-Dilma e anti-PT e prover pouquíssimas informações sobre a polarização que, aparentemente poderia ser encarada como bastante equilibrada¹⁵.

¹⁴ Blog de opinião de Felipe Moura Brasil no site da revista Veja, de 17 de agosto de 2015 - <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2015/08/17/cobertura-frouxa-da-globo-no-16-de-agosto-fez-ate-presidente-da-cut-parecer-tolerante/> (acesso em agosto/2015).

¹⁵ O site da Revista Época enumera, em 17 de agosto, 1,5 mil pessoas nas manifestações em São Paulo retratadas na imagem 8 acima, enquanto que algumas cidades brasileiras tiveram menos de uma centena de manifestantes anti-Dilma/anti-PT. A matéria pode ser acessada em: <http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/08/manifestacoes-de-16-de-agosto-de-2015.html> (acesso em agosto/2015).



Imagem 8

Fonte:

<http://s2.glbimg.com/DLpXo5GsWGtliSZBK4qQrs5mIe4=/560x430/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/08/16/akiqsohko0wkodjxp0nujliprqtgupmjgeen6zu.jpg>.

Notas Conclusórias

"Usando a interatividade, os indivíduos modernos se tornaram mestres do artifício"
Stephen J. Cowley e Frédéric Vallée-Tourangeau, 2013

As oito imagens selecionadas aqui são recortes de matérias maiores, coberturas em tempo real com diversas contextualizações e re-contextualizações oriundas das atualizações efetuadas pelos repórteres e pelas redações das revistas selecionadas. O que nos propomos aqui é nos descolarmos dessa tentativa de totalização dos eventos (até devido ao círculo (1), (2) e (3) que propomos como chave de leitura). Buscamos o exercício da compreensão das imagens em suas (re)apresentações de acontecimentos e,

ao mesmo tempo, enquanto recortes dessas realidades, desses, como dizíamos antes e com o mesmo uso, fatos.

Falta-nos encarar frontalmente que a apresentação do objeto deve formalmente se articular com (2) a consciência histórica como partícipe do círculo mimético de Ricœur e, por fim, com (3) o artifício, em sua duplicidade de duplicidades, enquanto objeto, noção, conceito e vivência. O que procuramos, então é basicamente compreender que “Interpelando o artifício humano, pensar é co-constituído pelo discurso, movimento e gesto. As pessoas distribuem controle enquanto eles ligam rotinas, fazem julgamentos instantâneos e coordenam enquanto agem” (Cowley e Vallée-Tourangeau, 2013, p.256).

No conjunto de imagens (1, 2, 3 e 4) apresentados no primeiro eixo, representando os protestos do dia 20 de junho de 2013, o que mais chama a atenção são:

1. A indumentária dos manifestantes;
2. A polarização entre manifestação popular legítima e ilegítima;
3. A polarização entre qualquer dessas formas de manifestação e instituições repressoras do Estado;
4. A dualidade entre “não violência” e a violência de manifestantes (ainda que aparentemente apenas contra patrimônios públicos) e desses agentes e instituições de repressão estatal;
5. E, finalmente, a necessidade de ligação entre as manifestações, especialmente em seus aspectos discursivos (cartazes, indumentária, alegorias, máscaras, etc.) com um movimento de caráter global.

Já no conjunto de imagens ligados ao segundo eixo (imagens 5, 6, 7 e 8), representando os protestos do dia 16 de agosto de 2015:

1. A participação dos agentes anteriormente vistos como repressores (incluindo aí membros do governo, em especial do Legislativo) de forma pacífica e que poderia ser inclusive caracterizada como protetora das manifestações;
2. Uma maior coerência entre os aspectos discursivos utilizados pelos manifestantes;
3. Polarização entre forças políticas legitimadas (em grande parte, oposições ideológico-partidárias) manifestas nos aspectos discursivos já citados assim como na

indumentária (quase não se veem pessoas vestindo branco, preto ou vermelho - cores que eram presentes nos protestos de junho de 2013);

4. Dualidade na motivação dos protestos, sendo vistos, inclusive pelas matérias que acompanham as fotos, como protestos fundamentalmente com objetivos diferentes e auto-excludentes (como é o caso da manifestação da CUT, na imagem 8);

5. E, finalmente, a preocupação ou, em outras palavras, potencial dessas manifestações em procurarem re-legitimar forças que poderiam ser consideradas opressoras e uma visão necessariamente contrária a dos protestos de junho de 2013.

O que vemos é uma distensão: como aponta Steven Dillon em seu estudo sobre artifícios-arte e artifício no cinema contemporâneo norte-americano (2006, p.8): “Existe realidade fotográfica, imersão sensual e emocional, mas também existe um conhecimento concorrente de que a realidade é um artifício, uma alucinação construída”. Nas fotos podemos ver a interpelação do artifício em sua duplicidade: ele é *artificium*, obra de arte, técnica, manuseio e, ao mesmo tempo, *praesto digitus*, o truque, o jogo de mão rápida que está pronto e sempre apontando, ainda que não para onde deveríamos olhar. Especialmente nos primeiros exemplos podemos ver, desde os cartazes até a atuação nas ruas, que há uma tecnicização latente. Por trás de tudo, os eventos foram concatenados, tanto nos meses de junho de 2013 quanto de agosto de 2015, através de redes sociais online e do uso da telefonia móvel celular. Nas fotos é possível identificar sujeitos/agentes portando e utilizando seus dispositivos móveis para captar as ações aos seu redor ou para se comunicar com outros. O *artifex* ou artífice das manifestações, no sentido de seu construtor, é um coletivo de humanos, orientados por certos centros organizadores ou disseminadores de notícias.

Porém, esse artífice também é o manipulador. Não apenas no sentido corrente, mas no que referimos ao de prestidigitação; é o construto simbólico-imagético-discursivo capaz de ao mesmo tempo em que aponta, também distrair. Na imagem 7 podemos ver isso de forma bastante gritante: o ex-presidente Luiz Inácio da Silva caricaturado ao lado de um balão fazendo menção (e apoio!) a uma das mais profundas investidas da Polícia Federal e do Ministério Público para perseguir políticos e empresários corruptos - uma investigação que 1) não poupa nenhum partido, tendo já

indiciado dezenas de membros do Partido dos Trabalhadores e de partidos de oposição e 2) busca exatamente através dessa atitude uma espécie de isenção partidária e ideológica, que jamais combinaria com a exposição pública ou apologia feita por qualquer um dos dois balões.

Cabe à cobertura jornalística (em específico à fotográfica) e aos meios de comunicação também essa função prestidigitadora. O ciclo (1), (2) e (3) se realiza no recorte das (possíveis) milhares de imagens registradas dos eventos, na escolha feita pelo veículo - como um todo (aí sim, total) operativo: do fotógrafo na cena do acontecimento, ao repórter que pode ou não acompanhá-lo (ou ser ele mesmo), ao editor, etc.

E nesse papel, vê-se que o artifício criado nas coberturas é de (I) relacionar os acontecimentos no âmbito nacional com eventos extraordinários no campo das atuações e vivências mundiais; que poderíamos chamar de um artifício global e (II) posicionar a crítica e/ou narrativa desses eventos numa posição completamente brasileira, desconectada de eventos (ordinários ou extraordinários) no âmbito mundial; que poderíamos, em contrapartida, denominar artifício local. Não há conjugação; o chamado glocal (Trivinho, 2013) não é articulado, impedindo que na narrativa imagética jornalística fiquem claras a (1) compreensão de uma demanda, em certos termos, anti-imperialista e anti-capitalista (advinda dos eventos mediados por computador que ocasionaram levantes, manifestações e derrubadas de governo no que ficou conhecido como “Primavera Árabe”, mas que também aconteceu em países como a Croácia, nos anos recentes). A narrativa, por isso, transforma a (2) replicação em cacofonia: as imagens que mostram junho de 2013 dão a entender que, mesmo que o estopim fossem os preços das passagens, elas eram de alguma forma necessariamente ligadas a um movimento global. Por fim, o círculo é completo dando a entender que todas as parcelas da população podem e devem aderir a manifestação nos moldes cacofônicos desenhados pelas de junho de 2013, pelas da “Primavera Árabe” ou outras semelhantes desde que, claro, adiram aos (3) artifícios que os posicionem contrária ou concordantemente.

Em junho, camisetas pretas e brancas. Em agosto, verdes e amarelas. Em junho, recriminação das ações policiais. Em agosto, policiais e militares participando das manifestações pacificamente. Não há conjugação nas narrativas: os eventos são mostrados em separados, eles mesmos artificialmente reconstruídos em narratividades que não permitem encontro ideológico ou sequer meramente intencional. O artifício conecta junho de 2013 às exigências democráticas dos países árabes sob regimes autoritários, artificializa a consciência histórica das manifestações; planifica as exigências e demandas da população envolvida. Em agosto, ainda que os cartazes peçam por uma “limpeza da democracia brasileira”, não é feita a mesma conexão. Há, em total aversão aquilo, uma incoerência narrativa que separa esses eventos de quaisquer outros.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- BORDA, Maria; FELIZI, Natasha e REYS, João Paulo (orgs.). *Brasil em Movimento - reflexões a partir dos protestos de junho*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- CARREIRA, Lia Scarton, GOUVEIA, Fábio, SOUZA e SOUZA, Tasso Gasparini. As ressignificações da hashtag #Vempruar a partir do uso de imagens no Twitter. In: Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação Região Sudeste. Vila Velha: 2014.
- CAVARERO, Adriana. *Relating Narratives - storytelling and selfhood*. Nova Iorque, EUA: Routledge, 2000.
- CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. In: *Revista de História Regional*, V.6, N.2. Ponta Grossa: p.93-112, 2001.
- COULDRY, Nick. O Tempo e as Mídias Digitais: aprofundamento do tempo, déficits de tempo e configurações narrativas. In: *Revista Parágrafo*, V.2, N.3, Jul/Dez. São Paulo: FIAM-FAAM, p.63-73, 2015 (disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/332/340>).
- GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- JAMESON, Fredric. *Postmodernism (or, the cultural logic of late capitalism)*. Estados Unidos: Duke University Press, 1991.

JASPERS, Karl. *Psicología de las concepciones del mundo*. Madrid, Espanha: Editorial Gredos, 1967.

MAUSS, Marcel. *Techniques of the Body*. In: *Economy and Society*, V.2, N.1. EUA: p.70-88, 2006.

MÜLLER, Jr, Guilherme. *Relações, paixões e artifícios: Hume e o empirismo para além da teoria do conhecimento*. In: *Ensaios Filosóficos*, V.6. Rio de Janeiro: UERJ, p. 83-101, 2012 (disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo6/MULLER_Guilherme.pdf).

RECUERO, Raquel. *Contribuições da análise de redes sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma*. In: *Revista Fronteiras*, V.16, N.2. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

RICEUR, Paul. *Tempo e Narrativa - Vol. 1 - A Intriga e a Narrativa Histórica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: teoria da História - os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SINGER, André. *Brasil, Junho de 2013: classes e ideologias cruzadas*. In: *Novos Estudos - CEBRAP*, N.97, Nov. São Paulo: CEBRAP, 2013.

TAYLOR, Charles. *Sources of the Self: the making of the modern identity*. Cambridge, EUA: Cambridge University Press, 1989.